



SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR DO MÉDIO PARNAÍBA LTDA - SESMEP.

FACULDADE DO MÉDIO PARNAÍBA – FAMEP.

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO COMENIUS – ISEC.

PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL

JOSÉ VERAS DA SILVA

**O TRABALHO PSICOPEDAGÓGICO E A UTILIZAÇÃO DA INFORMÁTICA
DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR**

ALTOS/PI

2014

O TRABALHO PSICOPEDAGÓGICO E A UTILIZAÇÃO DA INFORMÁTICA DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR

Maria dos Remédios Mendes Chaves Barreto*

José Veras da Silva**

RESUMO

O presente trabalho buscou compreender como o psicopedagogo institucional pode auxiliar o trabalho docente no planejamento e execução de atividades que utilizam o computador como recurso didático. Tendo como objetivos investigar como o psicopedagogo institucional pode auxiliar na utilização da informática dentro da sala de aula, identificar como o computador pode ser utilizado dentro do processo ensino\aprendizagem, as mudanças causadas pela inserção do computador dentro do ambiente escolar e analisar os paradigmas que envolvem a informática educativa. Utilizou-se uma abordagem qualitativa, tomando como fonte principal de trabalho a pesquisa bibliográfica, especialmente os trabalhos de Kenia Kodel Cox (2008), Raquel Carneiro (2002), Maria Helena Bettega (2004), Alícia Fernandez (1991), Nádia Bossa (2011), entre outros.

Palavras - chaves: Informática. Psicopedagogia. Escolar.

INTRODUÇÃO

A utilização do computador como ferramenta didática apresenta-se como um tema recorrente em ambientes escolares e extra-escolares, por isso a necessidade de fazer uma análise crítica a cerca de seu uso e de como o psicopedagogo pode contribuir para que aja essa análise por parte dos sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

O trabalho em torno de sua utilização será de grande utilidade, pois visa conhecer as formas como este recurso está sendo utilizado e como o psicopedagogo poderá intervir de

*Professora orientadora: Mestranda em Educação. Graduada em Pedagogia- UESPI, Especialista em psicopedagogia Clínica, Institucional e Hospitalar- UESPI, Educação Especial- UESPI, Saúde Mental- UFMA, Docência do Ensino Superior – UESPI, Especializando em Neuropsicopedagogia- CENSUPEG

**Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí, pós-graduando em Psicopedagogia na Faculdade do Médio Parnaíba e professor na rede municipal de Teresina. Email: joseveras9@hotmail.com.

maneira crítica nesse processo, oferecendo assim subsídios para que esses profissionais possam atuar de maneira a ajudar na implantação dessa ferramenta tão útil a professores e alunos.

Para compreender como pode ocorrer essa contribuição psicopedagógica faz-se necessário entender como o computador pode ser utilizado dentro do ambiente escolar e identificar as mudanças ocorridas nesse espaço com essa utilização da informática, bem como analisar os paradigmas que envolvem a informática educativa, para isso utilizamos uma abordagem qualitativa. Entendemos que a inserção do computador no ambiente escolar como uma ferramenta de apoio ao processo ensino/aprendizagem não constitui tarefa fácil para nenhum dos agentes participantes desse processo, pois isso requer mudanças na postura e atuação de todos, bem como apresenta a necessidade de se refletir sobre as práticas presentes nas salas de aula. Assim, professor, aluno, família e gestores, podem apresentar certa resistência a essa mudança que nem sempre é fácil de ocorrer. (mudanças no espaço físico da escola, com a inserção do laboratório, na relação do professor como aluno etc.).

Nesse momento de adaptação o papel do psicopedagogo pode ser o de mediador/incentivador/facilitador, oferecendo meios de tornar menos “traumática” a utilização do computador na escola, especialmente na sala de aula.

A presença do computador nos diversos ambientes da sociedade e a melhora no desenvolvimento das mais diversas atividades, desde o campo pessoal até o ambiente de trabalho, são realidades incontestáveis. No entanto faz-se necessário uma postura crítica em relação à sua utilização, especialmente no ambiente escolar, por ser este um local de reflexão acerca da sociedade, segundo Cox (2008) há aqueles que atribuem às máquinas de processamento, o papel mágico de salvador da educação, e há os que acreditam que a inserção delas na sala de aula mecanizará os alunos.

Percebemos que o uso dos computadores na escola divide opiniões, assim buscamos compreender a sua utilidade para a melhora do trabalho docente, quais as suas contribuições para o aprendizado dos alunos, especialmente os que apresentam dificuldades de aprendizagem, e como o psicopedagogo em sua atuação institucional pode ajudar a escola a se apropriar dessa tecnologia sem superestimá-la ou menosprezando-a.

O COMPUTADOR NO AMBIENTE ESCOLAR

A vida contemporânea está marcada pela revolução da informação, tudo ocorre de forma mais acelerada. O que é atual em um dado momento, passa a se tornar obsoleto em

pouco tempo, o que antes era considerado satisfatório, passa a não satisfazer mais as necessidades, embora acreditemos que conhecimento não possa se tornar obsoleto, assim como a tecnologia, sabe-se que a tecnologia interfere na construção do conhecimento, através da criação de novos métodos e novas ferramentas. Sobre a velocidade da contemporaneidade, afirma Mozart Linhares:

O mundo contemporâneo vive uma transformação acelerada de sua percepção de tempo. Não vivemos mais o tempo das horas e minutos. Não somos tão otimistas quanto ao futuro. Não acreditamos mais em utopias fragilizadas. Vivemos uma época do presente, uma época de velocidade, uma época de quebrar recordes, de diminuir o espaço e subordiná-lo ao tempo. Uma época da informação, da imagem, do ecrã, do satélite, da fibra ótica, do cartão magnético, da virtualidade e da internet... (LINHARES, 2001 p.23).

Assim cabe-nos refletir sobre como a escola pode adaptar-se a essa nova realidade alterando sempre que se fizer necessário a sua prática em relação à adoção de novas tecnologias, bem como da utilização de novas metodologias de ensino. O uso da informática educativa pode oferecer diversas vantagens ao processo. Assim, nas palavras de Escattone e Masini:

O computador propicia autonomia na busca do conhecimento. E sendo a motivação e, a participação ativa e voluntária dos educandos essenciais para o processo de ensino-aprendizagem, pressupõe-se que os *softwares* educativos podem ser um dos recursos psicopedagógicos que contribuirão para a melhoria da qualidade do ato de aprender. (ESCATTONE; MASINI, 2007, p.240).

Percebemos que uma das vantagens oferecida pelo computador é a de proporcionar autonomia ao educando, tirando-o do papel passivo que ainda lhe é atribuído em algumas escolas ao mesmo tempo em que tira do professor o papel de detentor do conhecimento, assim “[...] a escola tem se defrontado com outra fonte de informação que extrapola a passividade do ouvinte, transformando-o em agente ativo do processo.” (CARNEIRO, 2001, p.45).

Além da já citada autonomia proporcionada pelo computador através de seus softwares educativos, também devemos levar em consideração a questão de estarmos vivendo em uma nova era, a da informação assim, “é preciso escrever rápido, abreviar, criar símbolos próprios; as regras são relativadas [...] a pressa faz com que a sociedade espere que as crianças leiam mais cedo.” (BARBOSA, 2005, p. 240).

O computador, sem nenhuma dúvida, apresenta-se como uma grande ferramenta que auxilia o processo ensino aprendizagem, no entanto a sua entrada e utilização na escola não devem acontecer de forma acrítica. Segundo Bettega (2004), “nenhum programa aplicativo

funciona automaticamente para promover a aprendizagem, pois é necessário que sua utilização esteja atrelada a um contexto de ensino e de aprendizagem”. E ainda, “Precisamos tomar cuidado para não ficar propagando o uso do computador como a solução para todos os problemas de ensino. Temos de ter consciência de nosso papel social e não ficar pregando uma democracia social para todos” (DEMO 2001, apud BETTEGA 2004, p.28). A inserção da informática, embora tímida, já é realidade em algumas instituições de ensino, podemos citar como exemplo o Proinfo, programa federal que provê subsídios para que sejam instalados laboratórios de informática em escolas públicas, o que nos faz refletir sobre como está sendo essa utilização, pois não basta apenas ter a presença do computador no ambiente escolar, mas sim tê-lo como uma ferramenta de auxílio que deve passar por uma análise dos agentes envolvidos no processo para que a sua utilização possa trazer benefícios para o processo.

Essa análise deve ser crítica e desapegada de ideologias e preconceitos, pois como preconiza Cox:

Faz-se necessária uma crítica acurada quanto ao uso dos computadores no ambiente escolar, ou fora desse, para que seja possível aproveitar o melhor dessas máquinas sem incorrer no vultoso erro de subestimá-las, desperdiçando recursos ou atribuindo-lhes papéis miraculosos, superestimando-as. Faz-se necessário, portanto, pesquisar. (COX, 2008, p.11).

Compartilhamos das idéias da autora e ratificamos que a inserção do computador deve ser permeada de análise crítica e pesquisa. Pois assim, teremos uma utilização mais consciente dessa ferramenta tão importante no atual contexto em que vive a escola.

Entendemos que para que essa utilização ocorra de maneira satisfatória não basta apenas à análise crítica, o professor, como um dos principais agentes do processo, deve também saber utilizar essa ferramenta. Portanto devem-se criar formas de garantir que os profissionais de educação possam trabalhar de forma a proporcionar a melhor utilização dessa tecnologia. Bettega classifica essa utilização de duas formas:

Por disciplinas: os professores utilizam os computadores como reforço, complementação ou sensibilização para os conteúdos abordados em sala de aula. É uma ação isolada, de interesse específico do professor conforme a disciplina que ele leciona. Por meio de projetos educacionais: a Informática é utilizada num plano mais abrangente, pois integra as disciplinas aos temas geradores das propostas de projetos. (BETTEGA, 2004 p.20).

Percebe-se na proposta de Bettega (2004) que para se utilizar o computador, são possíveis diversos arranjos, trabalhá-lo como um complemento de sua explicação em sala de

aula, como uma forma de reforçar o aprendido ou como um instrumental no auxílio de execução de projetos de educacionais, integrando as diversas disciplinas para atingir um objetivo comum. Em todo caso, o professor deve ter domínio da ferramenta para que o ensino-aprendizado possa ocorrer de maneira satisfatória e sem maiores transtornos para professor e aluno. Para tanto o professor deve ter uma postura de aprendizado junto a aluno, o que muitas vezes pode parecer difícil para alguns profissionais. Sobre esse receio do professor, Corbun afirma:

O computador pode também causar apreensão já que não oferece a segurança que outros meios dão ao professor. Um manual de instruções impresso está sempre ali, à disposição. Se o experimento no laboratório falha, geralmente há uma maneira de saber o porquê. Um professor pode inserir notas e escrever relatórios em um arquivo encerrado. Um tutor humano pode reagir sensivelmente aos problemas de aprendizagem do aluno. Entretanto, essas certezas não ocorrem com o uso do computador. (CORBUN, Peter. 1988 p.15).

Percebe-se que o que pode causar receio no professor, segundo Corbun, é a incerteza que permeia o uso do computador, por ser uma ferramenta de muitas possibilidades, pode ocorrer algo que o professor por não está familiarizado com essa tecnologia não saberá como lidar, aí aparece o medo de parecer falho perante os seus alunos, o que pode causar medo em professores mais tradicionais.

Entendemos que a familiaridade e domínio básico da informática por parte dos professores deve ser prioridade em escolas que pretendem inserir a informática em seu currículo. No entanto, as incertezas podem ocorrer e nesse caso o professor deve está preparado psicologicamente para lidar com a situação de modo a não transmitir insegurança aos educandos ou parecer receoso ao uso dessa tecnologia. Percebemos que a introdução da informática na escola levanta uma série de indagações relativas ao seu uso, que deve ocorrer de forma crítica e com uma finalidade bem definida: servir como ferramenta no processo ensino-aprendizagem.

No entanto sabemos que essas mudanças podem trazer algumas complicações de âmbito emocional e pedagógico. Nesse momento o psicopedagogo pode intervir de modo a facilitar esse processo de transformação tão importante dentro da história da instituição escolar, já que superar esse desafio não é dever apenas do professo e do aluno.

Diante de mudanças, a primeira palavra de ordem do ser humano é, em geral: resistência. Assim, é necessário esclarecer os agentes escolares quanto à viabilidade do repensar que a escola exige para melhor atender aos requisitos da aliança sociedade/ciência/educação, tão presente e tão necessária na vida moderna. (COX, 2008, p.74).

Vimos como a introdução da informática na escola apresenta muitos desafios, tanto de ordem pedagógica, mudança de metodologias, como no âmbito psicológico, mudanças de posturas e enfrentamento de medos e incertezas. Cabe agora analisar como a psicopedagogia pode auxiliar na utilização da informática na escola.

A PSICOPEDAGOGIA COMO CIÊNCIA

A psicopedagogia apresenta-se como uma ciência em construção, mas que já possui uma área de atuação própria, embora os teóricos tenham algumas diferenças em definir o seu objeto de estudo, adotaremos o conceito de que, “a psicopedagogia estuda as características da aprendizagem humana: como se aprende, como essa aprendizagem varia evolutivamente e está condicionada por vários fatores [...]”. (BOSSA, 2011, p. 33).

Analisando esse conceito da autora podemos perceber que a psicopedagogia tem como objeto de estudo o sujeito que está em processo de aprendizagem e ao mesmo tempo os diversos fatores que podem contribuir negativa ou positivamente. Ainda segundo Bossa (2011), o trabalho do psicopedagogo pode ser de caráter clínico ou preventivo. No presente trabalho nos interessa essa abordagem mais preventiva.

No trabalho preventivo, a instituição, enquanto espaço físico e psíquico da aprendizagem é o objeto de estudo da Psicopedagogia, uma vez que são avaliados os processos didático-metodológicos e a dinâmica institucional que interferem no processo de aprendizagem. (BOSSA, 2011, p.33).

Assim, percebe-se que o psicopedagogo institucional tem como uma de suas funções, avaliar as metodologias aplicadas no ambiente escolar, tendo em vista que estas interferem diretamente no processo ensino-aprendizagem, também sobre essa interferência da metodologia Sampaio afirma que “os aspectos pedagógicos seriam fatores que podem interferir na aprendizagem, como tipo de avaliação, metodologia de ensino, estrutura de turmas, organização geral etc.” (SAMPAIO, 2009, p.32).

Essa preocupação preventiva em relação à escola decorre do fato de que em alguns casos de problemas de aprendizagem, atribuídos quase que exclusivamente ao educando, advirem não deste, mas da instituição, “o não-aprendiz não requer tratamento psicopedagógico, na maioria dos casos. A intervenção do psicopedagogo dirigir-se-á fundamentalmente sanear a instituição educativa” (FERNÁNDES, 1991, apud SAMPAIO, 2009, p.36).

Percebe-se que, nas palavras das autoras, alguns ‘problemas’ que são atribuídos exclusivamente aos educandos, nem sempre são vem destes, mas sim de metodologias inadequadas que são utilizadas pelos professores e/ou instituições de ensino que não se preocupam com os aspectos pedagógicos do processo. Nesse caso a atuação do psicopedagogo é de suma importância para ajudar no desenvolvimento de estratégias de utilização de ferramentas e na aplicação de metodologias de ensino/aprendizagem.

Levando em consideração o computador como um instrumento de auxílio de ensino, através de seus inúmeros programas e recursos, reconhecemos que o psicopedagogo pode ajudar na sua melhor aplicabilidade no ambiente escolar. Para tanto o psicopedagogo deve manter-se atualizado a cerca desse e de outros novos recursos que possam surgir para assessorar o trabalho docente. Assim com visa o seu código de ética, é dever do psicopedagogo “Manter-se atualizado quanto aos conhecimentos científicos e técnicos que tratem da aprendizagem humana” (CÓDIGO DE ÉTICA DO PSICOPEDAGOGO, 2011).

Acreditamos que “manter-se atualizado” não significa ter pleno domínio de todas as novas técnicas e metodologia relativas à aprendizagem, mas sim, que o profissional possa está ciente destas e que ao estudá-las possa compreendê-las e ajudar a escola a implementá-las da melhor maneira possível, ou seja exigi-se do psicopedagogo, e demais profissionais da educação, que possam está sempre pesquisando.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando, Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p.29).

Nas palavras de Freire, podemos perceber que o ensino tem haver com uma postura crítica frente ao conhecimento, não ensinar apenas por ensinar sem se conhecer o que se ensina ou pesquisar apenas para ter conhecimento e não aplicá-lo, “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma relação da Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo” (FREIRE, 1996, p.22).

Para que essa aprendizagem ocorra o psicopedagogo precisa se colocar numa postura de buscador crítico do conhecimento, para que possa se apropriar do melhor que essa tecnologia possa oferecer ao mesmo tempo em que concilia as possibilidades desta com a necessidade da escola, para que assim possa compartilhar de forma satisfatória o seu aprendizado com os professores aos quais buscará auxiliar em seu trabalho.

PSICOPEDAGOGO E INFORMÁTICA EDUCATIVA

Sabemos que a atualidade exige que as novas tecnologias não sejam ignoradas e sim que devam ser utilizadas da melhor maneira possível para atender aos anseios dessa nova era. A escola como um espaço onde circula (ou deveria circular) o conhecimento não pode permanecer ignorando essas novas ferramentas, sabemos que, embora de forma lenta, as novas tecnologias estão entrando na escola, mas a simples presença desta não é o suficiente para garantir o sucesso do ensino aprendizagem, em alguns casos, pode até contribuir negativamente.

A inserção dos recursos tecnológicos da informática na educação escolar pode contribuir para a melhoria das condições acesso a informação [...]. Além disso, torna-se possível trabalhar com softwares específicos para cada disciplina. Por outro lado é pura ilusão pensar que tais vantagens são apenas graciosidades do mundo globalizado [...](PAIS, 2010, p.29).

Percebemos que o uso da informática não pode ocorrer de maneira ingênua, acreditando que sua simples participação física no ambiente escolar possa contribuir para a eficácia do processo. Seu uso também trás desafios, “envolvendo a necessidade de rever princípios, conteúdos e metodologias e práticas compatíveis com a potência dos instrumentos digitais” (PAIS, 2010, p.29).

Nesse momento o psicopedagogo pode oferecer uma ponte entre as possibilidades do uso da informática e sua aplicabilidade satisfatória no ambiente escolar. Pois esse profissional além do domínio das teorias pedagógicas também conhece os mecanismos que podem está por trás do medo e incerteza do professor perante a máquina ou de seu fascínio ingênuo diante desse novo conhecimento.

Sem esse apoio, o uso das máquinas pode contribuir negativamente no processo, “sem apoio material e pedagógico, desqualificados pela sociedade, pelas famílias pelos alunos não podem ocupar bem o lugar de quem ensina tornando o conhecimento desejável pelo aluno.” (WEISS apud SAMPAIO, 2009, p.37).

Sabemos que a escola é constituída de diversos profissionais que têm como objetivo garantir que o processo ensino/aprendizagem ocorra de maneira que o educando possa construir o seu aprendizado. Mas, o psicopedagogo tem como uma de suas atribuições, prevenir o surgimento de problemas relacionados à aprendizagem que, em alguns casos, pode decorrer de um ambiente escolar não favorável, de metodologias e métodos que possam está sendo mal utilizados, “seu trabalho incide nas questões didático-metodológicas, bem como na

formação e na orientação de professores, além de fazer aconselhamento aos pais” (BOSSA, 2011, p.35).

Essa atuação pode não ser suficiente para impedir que surjam os problemas, pois a escola não é a única a contribuir nessa realidade, mas pode ajudar a diminuir a sua incidência e também cuidar para que novos não se instalem. Partindo dessa concepção percebe-se que o psicopedagogo não pode permanecer alheio às mudanças causadas pela inserção do computador na ambiente escolar. Para um olhar leigo a chegada dessas máquinas pode não significar mudanças no âmbito psicológico dos sujeitos participantes do processo, mas podemos perceber nas palavras de Raquel Carneiro que as mudanças são muitas.

A própria adaptação do espaço físico, os imprevistos técnicos, a curiosidade dos alunos, sem falar nas transformações, quando se utiliza este recurso em sala de aula, parecem provocar alterações, adaptações, medos e incertezas, podendo deixar esse ambiente mais imprevisível, mais dinâmico [...]. (CARNEIRO, 2011, p.53).

De acordo com a autora percebe-se que as mudanças acontecem desde o plano físico (adaptação do ambiente) até o emocional (medos, incertezas etc.), nesse caso a má preparação dos profissionais pode levar os alunos a desenvolverem problemas relativos à aprendizagem, e nesse caso, de acordo com Fernández (1991), a intervenção do psicopedagogo dirigir-se-á fundamentalmente a sanear a instituição educativa. Aqui entendemos que se o psicopedagogo institucional não ajudar nesse momento de adaptação, pode-se instaurar problemas adquiridos através do mau uso dessas tecnologias, bem como das metodologias inadequadas.

Essa má metodologia não advém da falta de vontade do professor, mas sim de uma falta de adaptação da prática que pode vir de uma mistura de euforia, medo e insegurança, “essa expectativa até mesmo se transforma em sentimento de insegurança ou resistência em alterar a prática de ensino” (PAIS, 2010, p.15).

Para Sampaio (2009) o professor deve apoiar-se para transformar sua metodologia em algo que seja significativo para a criança. Assim acreditamos que professor não deve está arraigado a uma metodologia sem arriscar-se ao novo, especialmente quando se trata do uso do computador e da informática, que são áreas que estão em constantes mudanças. Mas enfatizamos que essa mudança não deve ser apenas por mudar, “é próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas cronológico” (FREIRE, 1996, p.35).

O psicopedagogo institucional, bem como os demais agentes escolares, pode ajudar nesse momento de adaptação de metodologia, tendo em vista que ao ajudar o professor a rever a sua prática de maneira crítica o psicopedagogo estará prevenindo o surgimento de problemas de aprendizagem ao mesmo tempo em que ajudará o professor em seu trabalho. Pois sabemos que um professor quando não consegue trabalhar da maneira adequada prejudica os alunos e a si mesmo, tanto física como mentalmente.

Situações de desgaste experimentadas pelo professor, chamando a atenção do aluno a todo momento, podem evidenciar um conjunto de fatores inadequados, que poderão ser consequência de erros na prática pedagógica, tais como: má organização do espaço em sala de aula, má distribuição do tempo para a realização das atividades[...]. (SAMPAIO, 2009, p.34).

Não devemos considerar que a única causa dos problemas escolares relativos ao uso da informática deve-se apenas a má formação do professor, mas reiteramos que esse fator associado a espaços inadequados e a falta de suporte por conta dos gestores e demais agentes, bem como a falta de apoio familiar são juntos a causa do fracasso na informática dentro do ambiente escolar.

Além de ajudar os professores e alunos a superarem as incertezas que permeiam a informática educativa e de ajudar no desenvolvimento (adequação) das metodologias docentes acreditamos que o psicopedagogo pode auxiliar no desenvolvimento de projetos e atividades que envolvam o uso do computador.

As potencialidades dos computadores estão além do espaço escolar, e adequar o seu uso à sala de aula não constitui tarefa fácil, Segundo Bettega (2004), os programas do computador não funcionam para promover aprendizagens, é preciso que a sua utilização esteja vinculada a um contexto de ensino e aprendizagem que leve em conta o que o aluno já sabe.

Como o computador em si não visa à aprendizagem, cabe ao professor e aos coordenadores elaborarem um planejamento onde o seu uso possa estar sendo dirigido para a aprendizagem, aqui o psicopedagogo apresenta-se como uma agente a mais nessa elaboração, colaborando com a sua assistência pedagógica, sem esquecer a carga psicológica que permeia o processo ensino/aprendizagem, pois, “algumas atividades elaboradas no computador interferem na dinâmica da sala de aula, favorecendo ou dificultando a relação professor/aluno” (CARNEIRO, 2002, p.66). O psicopedagogo precisa levar em conta a relação professor/aluno na hora de dar sua contribuição na elaboração de projetos e planejamentos, tendo em vista que isso pode passar despercebido pelos demais profissionais da escola que não estão atrelados à questão psicológica que permeia o processo.

O decorar dá lugar ao pensar e ao compreender. O trono de mestre detentor do saber, erigido sobre o silêncio submisso dos discípulos, dá lugar ao orientador, também em aprendizado, disposto em meio às vozes da troca entusiasmada de idéias dos grupos de trabalho em prazerosa atividade. (COX, 2008, p.70)

A utilização da informática sem dúvida altera a dinâmica da sala de aula. Compreendemos que também cabe ao pedagogo ajudar a fazer dessa transformação algo positivo, pois sabemos que essa nova realidade exige do professor que assuma uma postura mais horizontal em relação aos alunos, pois em muitos casos o professor será junto com o aluno um aprendiz. O psicopedagogo poderá fazer com que o professor perceba essa relação horizontal e que isso possa ser benéfico ao processo ensino/aprendizagem, pois a máquina não substitui o profissional, mas exige dele uma nova postura em relação ao aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não foi pretensão nesse trabalho, ditar as formas como o psicopedagogo institucional pode atuar em uma escola informatizada, mais sim, identificar algumas das maneiras pelas quais esse profissional possa auxiliar os sujeitos nesse momento de adaptação às mudanças. Sabemos que a informática bem como a psicopedagogia, apresentam-se como novidades no ambiente escolar, embora a informática já tenha presença em diversos ambientes e a psicopedagogia também já se consolida como ciência, a presença desses na escola ainda é tímida.

Percebemos que o psicopedagogo pode contribuir desde o momento da chegada das máquinas às escolas, ajudando os sujeitos, especialmente professores e alunos a lidarem com as emoções relativas à aplicação da informática educativa. Ajudando também na elaboração de atividades e projetos que visem à utilização do computador, bem como na avaliação das metodologias utilizadas pelos professores, para que estes não se frustrem com as máquinas e com a relação com o aluno. Essas adaptações não serão fáceis, portanto acreditamos que o psicopedagogo, dentro do ambiente escolar, será o profissional que muito poderá contribuir para a relação professor/aluno/máquina.

Espera-se que o presente trabalho contribua para que outras pesquisas relativas à informática educativa e sua relação com o psicopedagogia possam ser realizadas e que as idéias aqui apresentadas também possam ser ampliadas.

THE PSYCHOPEDAGOGIC WORK AND USE OF INFORMATION IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

Maria dos Remédios Mendes Chaves Barreto

José Veras da Silva

ABSTRACT

The present study sought to understand how the institutional educational psychologist can help the teaching work in the planning and execution of activities using computers as a teaching resource. Review aimed to investigate how the institutional educational psychologist can assist in the use of information technology within the classroom, identify how the computer can be used in the teaching / learning process, the changes caused by the insertion of the computer within the school environment and analyze the paradigms that involve educational computing. We used a qualitative approach, using as the main source of labor literature, especially the works of Kenia Kodel Cox (2008), Raquel Carneiro (2002), Maria Helena Bettega (2004), Alicia Fernández (1991), Nadia Bossa (, 2011), among others.

Words - keys: Computer. Psychoeducation. School.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA. **Código de ética do psicopedagogo**. 2011.

BARBOSA, Laura M. S. Dificuldades de aprendizagem: dislexia e disgrafia na era da informação. **Psicopedagogia: revista da associação brasileira de psicopedagogia**, São Paulo, vol. 22, n. 69, p. 230-242, 2005.

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

BETTEGA, Maria H. S. **Educação Continuada na era digital**. São Paulo: Cortez, 2004.

CARNEIRO, Raquel. **Informática na educação: representações sociais do cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2002.

CORBURN, Peter... et al. **Informática na educação**; Tradução de Gilda Helena Bernardino de Campos Novis. – Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora Ltda., 1988.

COX, Kenia K. **Informática na educação escolar**. 2. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artmed, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

PAIS, Luis Carlos. **Educação escolar e as tecnologias da informática**. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SAMPAIO, Simaia. **Dificuldades de aprendizagem: a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

SCATTONE, Cristiane. MASINI, Elcie F. **S.O software educativo no processo de ensino-aprendizagem: um estudo de opinião de alunos de uma quarta série do ensino**

fundamental. Psicopedagogia: revista da associação brasileira de psicopedagogia, São Paulo, vol. 24, n. 75, p. 240-250, 2007.

SILVA, Mozart Linhares da (Org.). **Novas tecnologias– educação e sociedade na era da informação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.